



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**ISABEL BELTRÃO BRANDÃO**

**(depoimento)**

**2014**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-

**Entrevistado/a:** Isabel Beltrão Brandão

**Nascimento:** 09.02.1960

**Local da entrevista:** Escola de Balé Redenção

**Entrevistador/a:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Data da entrevista:** 17.12.2014

**Transcrição:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Copidesque:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Pesquisa:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 45 min e 01 seg

**Páginas Digitadas:** 11 páginas

**Observações:**

a) Informar se o entrevistado alterou alguns trechos do depoimento. Nesse caso respeitar a seguinte redação:

O/a entrevistado/a realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

b) Se a entrevista foi realizada em função de alguma pesquisa específica, registrar essa informação com a seguinte redação:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de (Autor da Pesquisa) intitulado (*nome da pesquisa em itálico*)

<p>O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.</p>
---

## **Sumário**

Identificação e entorno social; Início na Dança; Escola de Dança João Luiz Rolla; Metodologia de ensino; Espetáculos da escola; Formatura na escola; Trabalho na escola; Aprimoramento profissional em viagens do professor Rolla; O primeiro professor homem proprietário de escola de dança; Encerramento da escola; Última turma de formandas da escola em aula no espaço Ballet Redenção; União entre ex-alunas; Relato final; Agradecimentos.

Porto Alegre, 17 de dezembro de 2014. Entrevista com Isabel Beltrão Brandão a cargo da pesquisadora Maria Luisa Oliveira da Cunha para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. – Qual teu nome completo?

I.B. – Isabel Beltrão Brandão.

M.C. – Qual tua data de nascimento?

I.B. – 09 de fevereiro de 1960.

M.C. – Qual teu estado civil?

I.B. – casada

M.C. – Tu tens filhos?

I.B. – Tenho um menino chamado Yuri, no momento com 13 anos

M.C. – Tu és natural de onde?

I.B. – Sou natural de Porto Alegre.

M.C. – Qual tua formação profissional?

I.B. – Sou formada em Educação Física na UFRGS e Pós Graduada em Dança e Consciência Corporal pela Universidade Gama Filho.

M.C. – Gostaria que tu contasses como a dança entrou na tua vida.

I.B. – Aos seis anos, fui levada a Escola de Dança João Luiz Rolla por minha mãe, que percebeu que eu gostava muito de dançar. Ela comentou que quando pequena eu assistia a

um programa de televisão onde a bailarina Tais Virmont dançava ao vivo e percebeu que aquele momento era mágico pra mim, pois ficava encantada e tentava imitar os movimentos da bailarina. Sabendo que existia uma escola que funcionava dentro do Auditório Araújo Viana ela então resolveu me levar até lá. Nessa época eu morava na Rua José Bonifácio,167 onde atualmente tenho a sede da minha escola que chama-se Ballet Redenção.

M.C. – E por que ela escolheu a escola de João Luiz Rolla?

I.B. – Eu creio que naquele momento minha mãe escolheu foi pela questão proximidade, porque como ela não era do meio artístico sua decisão foi à escola do bairro.

M.C. – Gostaria que me falasses como era a estrutura da Escola do professor Rolla?

I.B. – A escola do professor Rolla aceitava somente crianças a partir dos seis anos. Nesta idade ainda não se participava da apresentação no final do ano, isto aconteceria somente no ano seguinte, quando estivesse com sete anos completos. A estrutura da Escola era formada pelas turmas que chamavam de Infantil, seis e sete anos, e logo após o Preparatório com oito e nove anos. Após iniciava-se o estudo da sapatilha de ponta, com seis anos de duração. Ao concluirmos o sexto ano havia a cerimônia de formatura de conclusão do curso. Somente então se entrava para a turma das Formadas.

M.C. – E como era a metodologia de aula na escola?

I.B. – Tenho a lembrança de pequena, de ter tido o privilégio, de ter aulas acompanhada por uma pianista. Isso pra mim foi maravilhoso! A minha primeira professora se chamou Erenita Parmegiane. Eu fiz toda a parte infantil com ela e em seguida na turma de preparatório foi à professora Regina Guimarães. Posteriormente fui para mão do professor Rolla. Os exercícios das aulas tinham uma preparação e trocavam mensalmente.

M.C. – Qual é a diferença entre as professoras e o professor Rolla?

I.B. – Principalmente em termos de rigidez. A partir do momento em que entrávamos na turma do professor Rolla passávamos a ser a turma das adolescentes, evoluindo e nos preparando para a formatura. Então eram assim dois mundos, o mundo infantil com as outras professoras e o mundo que já começava com a sapatilha de ponta e a rigidez de uma aula com mais técnica.

M.C. – Eu gostaria de saber como ele era como o professor?

I.B. – Ele ensinava a amar a dança e ter o respeito ao mestre que se tem na frente, pois a dança nos ensina que temos patamares e que devemos respeitar os superiores. Professor Rolla era uma pessoa extremamente sensível e ao mesmo tempo era muito rígido. Ensinou-me através da dança a respeitar o outro e a escutar uma música, percebendo o que ela está querendo dizer. Ensinou-me a ter atenção a questão postural, a fila, a coluna, a contagem do compasso musical, mas também sentir a emoção de uma melodia.

M.C. – Gostaria que tu me falasses sobre os espetáculos da escola.

I.B. – O espetáculo era normalmente dividido em três momentos: infantil, juvenil e adulto. Lembro-me quando era pequena e o quanto me senti importante ao passar para a parte juvenil. O coração batia forte querendo fazer parte das adultas e depois a satisfação de quando finalmente cheguei à turma das adultas ou formadas. Participei de diversos espetáculos, o primeiro fui um Passarinho da obra “O Jardim das Rosinhas”. O segundo foi uma coreografia chamada “Circo” onde eu era um Macaquinho que ganhava um passeio na garupa das colegas mais velhas, elas representavam os Cavalinhos. Quando pequena, lembro-me de ter assistido uma montagem muito linda que foi “2001 uma Odisséia”. Já mais adolescente, lembro-me da montagem de um balé romântico com músicas de Chopin<sup>1</sup> que me marcou muito, além de outras obras com músicas de Schumann<sup>2</sup> e Katchaturian<sup>3</sup>. Uma das obras que mais gostei foi o Balé Masquerade que dançávamos com máscaras e “tuttus” coloridos. Lembro-me quando houve a criação da obra chamada “Máquina de Escrever” e “Blue Tango”, onde o Professor Rolla abriu um contexto no qual nos permitia ajudar a montar a coreografia, pois talvez ele já estivesse sentindo o peso da idade e

---

<sup>1</sup> Frédéric François Chopin, consagrado pianista polonês.

<sup>2</sup> Robert Alexander Schuman, músico alemão.

<sup>3</sup> Aram Khachaturian, compositor armênio.

percebia a ebulição da turma querendo produzir. Foi assim que ele abriu essa montagem para que várias alunas dessem sugestões, onde ele coordenava tudo. Foi à primeira vez que isso aconteceu que eu tenha participado. Lembro-me muito da coreografia Máquina de Escrever, pois minha sugestão de movimentação foi colocada como a abertura da coreografia. Era uma marcação de pés com todas sentadas, onde com as pontas dos pés batíamos no chão como se estivéssemos em uma máquina de escrever e a música era exatamente o som da teclas. Nessa coreografia dançávamos com a malha cinza claro e com um capuz. Nesta mesma obra dançávamos o Blue Tango, onde tirávamos o capuz e amarrávamos um xales na cor verde ou rosa na cintura, dividindo dois grupos em cena.

M.C. – Tu recordas do período da tua formatura?

I.B. – Sim, a minha formatura foi no Teatro de Câmara no ano de 1974. Havia o grande desafio de dançar uma coreografia própria. Após estudos na turma de formadas segui fazendo aulas e participando de suas montagens. Em 1982 fui contratada para ministrar aulas para crianças no nível Preparatório e 1º de Pontas. Nesta época já frequentando a Escola Superior de Educação Física, a ESEF-UFRGS.

M.C. – E como funcionava esse grupo das formadas?

I.B. – O Professor Rolla ministrava e coordenava as aulas. A professora Regina também ministrava aulas e também assumia o papel da ensaiadora do grupo. Algumas vezes ele contratava o Maestro argentino Ricardo Ordoñez, que dava aulas e montava coreografias. Era sempre uma experiência incrível a chegada do Ricardo. Duas coreografias assinadas por ele me marcaram muito, uma com música de Prokofiev<sup>4</sup> e outra produção com música de Ravel<sup>5</sup>. Infelizmente não existe filmagem destas obras somente algumas fotos que ainda funcionam como um gatilho na memória.

M.C. – E como se deu a aproximação ao professor Ricardo Ordoñez?

---

<sup>4</sup> Serguei Sergueievitch Prokofiev, compositor russo.

<sup>5</sup> Joseph-Maurice Ravel, compositor e pianista francês

I. B. – O professor Rolla viajava a Montevideú e Buenos Aires para buscar conhecimento, para aprimorar suas aulas. Sei apenas que Ricardo veio para Porto Alegre vindo da Argentina de muda. Por um período de alguns meses ele ficou aqui e depois se transferiu para São Paulo, onde atuava como Maestro no Balé Stagium<sup>6</sup>.

M.C. – Na época, quais as escolas de dança existiam em Porto Alegre?

I.B. – Eu me lembro das escolas da: Maria Júlia da Rocha, Tony Petzhold<sup>7</sup>, Marina Fedossejeva, Salma Chemalle, Lenita Ruschel, Erenita Parmegianni. Mais tarde conheci outras escolas como Elizabete Gutierrez, Maria Cristina Fragoso e Maria Cristina Futuro.

M.C. – De todas as escolas que falas nenhuma era de um professor homem. Era só a escola dele naquela época?

I.B. – Sim, o Professor Rolla foi um pioneiro.

M.C. – E qual a influencia desta experiência na tua trajetória como bailarina?

I.B. – Não ter preconceito com os homens na dança e saber que o que importa é a alma de artista dentro de cada um.

M.C. – Gostaria que me falasses sobre o momento em que encerrou as atividades na escola de João Luis Rolla.

I.B. – A escola do professor João Luiz Rolla terminou de 1985 para 1986. Ele foi até 85 funcionando normalmente. Foi no início do ano de 1986 que ele foi impedido de seguir as suas atividades no Auditório Araújo Vianna. Ouve naquele momento a solicitação da sala para que ela fosse entregue para outra pessoa. E como era um espaço que o professor utilizava e era da prefeitura ele não tinha como negar o entregar a sala. Então simplesmente

---

<sup>6</sup> Companhia de Ballet de São Paulo.

<sup>7</sup> Antonia Seitz Petzhold



naquele momento houve o fechamento da sua escola. Isto aconteceu na véspera de se iniciar o ano letivo.

M.C. – E este espaço foi entregue para esta pessoa?

I.B. – Foi, mas sinceramente eu não sei o que ela fez, pois a revolta das pessoas do entorno foi muito grande.

M.C. – Tu sabes me dizer quem era esta pessoa?

I.B. – Foi no governo de Alceu Collares, a sala seria ocupada por uma outra professora de dança. Eu acredito que essa outra ela não tenha conseguido se instalar ou talvez tenha iniciado alguma coisa, mas não frutificou, não seguiu adiante. Então no início do ano de 1986, o Professor Rolla indicou para todas suas alunas que deveriam se dirigir as outras escolas para seguirem seus estudos de dança. Naquele momento minha escola tinha um ano de existência, resolvi oferecer o espaço do Ballet Redenção para que ele concluísse a preparação da sua última turma de formandas. Durante todo ano de 86 ele esteve aqui dando aulas para essas meninas. Com a finalização deste curso ele decidiu que não seguiria mais em frente e ali pararia. Foi um ano muito difícil, um momento muito traumático na vida de todos nós por assistirmos a maneira como ele foi retirado de dentro do Araújo Viana. Isto impactou a vida dele e a de todos o que amavam.

M.C. – Tu acreditas que ele daria aulas mais tempo se ainda estivesse no Araújo Vianna?

I.B. – Sim daria. Talvez não por muito mais tempo porque ele já estava com bastante idade, mas acho que era um direito dele terminar a escola quando ele decidisse isso e não da maneira como foi feita.

M.C. – O que significava dançar na escola de João Luiz Rolla naquela época?

I.B. – Creio que quando se ama o que faz não existe lugar melhor do que aquele que a gente considera como segundo lar. Éramos uma grande família: as bailarinas do Professor Rolla.

M.C. – Tenho depoimentos de uma forte ligação entre as ex-alunas da escola, de encontros e contatos. O que fez com que as bailarinas ficassem ligadas até hoje?

I.B. – Nossa ligação tem haver com o que aprendemos com ele, a questão do amor e do respeito que a dança nos impõe, isso nos modificou. A partir do momento que se muda o ser e tu encontras outros que também foram modificados acontece uma corrente. Rolla é o nosso elo!

M.C. – Bem estamos encaminhando para o término da entrevista e este é o momento para fazer o teu registro final.

I.B. – Eu te agradeço, Maria Luisa, por estares resgatando a memória dessa pessoa maravilhosa que foi o professor Rolla, que tanto deu para este mundo da dança em nossa cidade.

M.C. – Gostaria de te agradecer em nome do CEME, a tua disponibilidade em nos conceder esta entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]